

● ENTREVISTA

“FALTOU-NOS TEMPO”

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

A 10 de Agosto de 2023, a direcção nacional do PAN lançava Mónica Freitas como cabeça-de-lista do partido às Eleições Regionais da Madeira, que seriam disputadas a 24 de Setembro último. A assistente social, de 27 anos, foi a escolhida para “representar integralmente os valores de protecção ao ambiente, defesa dos direitos humanos e dos animais e promoção do desenvolvimento sustentável” defendidos pelo PAN e conseguiu ‘vingar’, obtendo 3.046 votos e fazendo-se eleger como deputada.

Mónica Freitas ganhou protagonismo, primeiro, ao assinar o acordo de incidência parlamentar que viabilizou o último Governo PSD/CDS e, mais tarde, na sequência da crise política desencadeada em Janeiro, ao retirar a confiança política a Miguel Albuquerque.

Volvidos oito meses das últimas ‘Regionais’, volta a ser cabeça-de-lista pelo PAN, à procura da reeleição.

Quem é hoje a Mónica Freitas politicamente? As últimas eleições foram toda uma nova experiência para o PAN. Já tínhamos tido representação [parlamentar], mas com outro grupo. Entretanto, houve várias mudanças ao nível do partido e tínhamos acabado de sair também de uma situação de gestão interna. Mas saímos com muita ‘vontade de fazer’ e sem esperar tudo que iria surgir após a noite eleitoral.

Mesmo sem ter experiência política (...) com um trabalho de equipa em todas frentes – porque eu nunca estive sozinha – temos vindo a crescer. Temos conseguido angariar cada vez mais pessoas, de diferentes áreas, com diferentes perspectivas, o que enriquece o nosso trabalho, as nossas propostas e as nossas medidas. Portanto, foram seis meses de aprendizagem que nos deram uma bagagem muito grande.

Esta é uma Mónica que enfrentou desafios, que nunca tinha pensado enfrentar.

Qual foi o mais difícil? Foi o momento em que decide retirar a confiança política a Miguel Albuquerque? Pessoalmente, sim. A nível político era o correcto e acho que era o mais viável a fazer. Nós também temos tido sempre esta vontade de ter um papel de educação, porque eu sinto que – pelo desgaste, pelo cansaço, pelo facto de a própria política não se estar a reinventar e de os partidos ditos tradicionais terem, de algum modo, estagnado no tempo – as pessoas têm uma visão muito própria do que é a política e daquilo que os políticos fazem, que nem sempre correspondem à realidade.



Assistente social, de 27 anos, foi a ‘revelação’ das últimas Regionais e uma das protagonistas da queda do Governo de Albuquerque.
FOTOS HÉLDER SANTOS/ ASPRESS

Mónica Freitas, cabeça-de-lista do PAN

Como é que acha que as pessoas interpretaram essa atitude do PAN? Entenderam-na como um acto coerente ou como uma ‘traição’? Eu acho que as pessoas entenderam como um acto coerente e acho que foi o momento chave, em que as pessoas perceberam que o nosso acordo de incidência parlamentar em nenhum momento colocou em causa a nossa identidade, os nossos princípios e os nossos valores.

E também foi a prova viva de que, quando chega realmente às linhas vermelhas, o PAN mete um travão e sabe quando é a hora de ter uma postura diferente. Foi exactamente isso que fizemos, no sentido também de voltar a dar credibilidade às instituições e para que as pessoas sintam alguma confiança e alguma segurança na política. Se as pessoas não acreditam em quem está à frente, em quem lhes está a dar voz, então não estamos aqui a fazer nada.

Que leitura faz dos resultados nas recentes Eleições Legislativas? Eu acho que as Legislativas Nacionais foram um sinal claro para todos os partidos em geral. Para nós, PAN, encaramos como um sinal positivo, porque havia a questão do voto útil e as pessoas sabiam que era difícil para nós elegermos um deputado para a As-

PAN QUER MANTER DEPUTADA E PEDE MAIS TEMPO PARA MOSTRAR TRABALHO



sembleia da República, pelo número de votos que isso obriga. Ainda assim, deram-nos um reforço ao manter praticamente o mesmo número de votos que tínhamos tido nas ‘Regionais’. De certa forma contraria algumas pessoas achavam que nós tínhamos perdido o nosso eleitorado. Há um discurso muito insistente de que o eleitorado está zangado com a PAN e que as pessoas estão chateadas com o nosso discurso...

Não concorda? Não concordo e acho que as Legislativas Nacionais vieram-nos dar razão, até porque conseguimos aumentar o número de votos. Foi um aumento muito pouco significativo, mas para nós é um sinal claro de que as pessoas reconhecem o nosso trabalho e a postura séria e responsável que o PAN sempre teve na política e que pretende continuar ter.

Que balanço é que faz da intervenção do PAN nesta legislatura que, apesar de curta, foi marcada por polémicas em questões da esfera ambiental, como o teleférico do Curral das Freiras ou as jaulas de aquicultura? É importante as pessoas terem noção do quanto curta foi esta legislatura, porque falamos de seis meses de Assembleia, mas não foram seis meses de trabalho. Houve várias interrupções, as normais fazem parte

do funcionamento da Assembleia, nas alturas de Natal, etc.

Depois, tivemos aqui o momento da crise política e regional que fez com que tivéssemos parado cerca de três semanas e ainda tivemos umas Legislativas Nacionais antecipadas, em que a assembleia também parou para que os partidos pudessem estar em campanha.

Tudo isso tirou-nos tempo, a nível das reuniões das comissões, que é onde verdadeiramente se pode fazer algum trabalho. Houve muito poucas e naquelas em que eu fiz parte – que foram a Comissão do Ambiente e a de Inclusão e Juventude, o trabalho ficou muito aquém do que poderíamos fazer.

Se nós tivéssemos tido de facto a discussão do Orçamento, que foi uma insistência do PAN e algo que nós queríamos muito fazer, sem dúvida nenhuma que estaríamos ainda assim satisfeitos com seis meses de legislatura, porque nós tínhamos mais de metade das nossas medidas já incluídas no Orçamento [Regional para 2024].

Houve outras que não estavam incluídas no orçamento e que ainda assim foram contempladas, nomeadamente: o aumento dos apoios às rendas, que era algo que foi bandeira do PAN, que estava no